

***Asio flammeus***  
Coruja-do-nabal

**Taxonomia****Família:** *Strigidae***Espécie:** *Asio flammeus* (Pontoppidan 1763).**Código da Espécie :** A221**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): EN (Em perigo).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): NT (Quase ameaçado).**SPEC** (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei nº 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei nº 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

**Fenologia:** Invernante; Migratório/Dispersivo, ocorrendo principalmente entre Novembro e Março (Tomé *et al.* 1994).**Distribuição:****Global:** A coruja-do-nabal tem uma distribuição circumpolar, estendendo-se pela região holártica (Lindberg 1994). No Paleártico Ocidental, a espécie nidifica no Norte da Europa, e em populações mais fragmentadas, na Europa Central e Sudeste europeu, ocorrendo nestas áreas unicamente durante os anos de elevada densidade de roedores ou quando o alimento é limitado na zona Norte da sua área de distribuição (Cramp 1985, Lindberg 1994). Na Europa a sua área de distribuição compreende a Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Islândia, Letónia, Lituânia, Moldávia, Noruega, Polónia, Reino Unido (incluindo a Ilha do Homem), República Checa, Roménia, Rússia, Suécia, Turquia, Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council 2000).

A Coruja-do-nabal inverte no sul da sua área de nidificação, nomeadamente no Mediterrâneo, e também no Norte de África, Índia e Ásia Oriental. Espécie caracterizada sobretudo, pelos seus hábitos dispersivos e pelas grandes migrações que efectua (Cramp 1985).

**Nacional:** Em Portugal, esta espécie ocorre por todo o território continental em baixas densidades e de forma algo localizada, conhecendo-se alguns locais tradicionais de ocorrência, nomeadamente zonas estuarinas onde se verifica a sua ocorrência associada a sapais e a salinas, registando-se a sua presença também em certos locais do interior, como por exemplo, Moura (Elias *et al.* 1998). De acordo com Tomé *et al.* (1994) o estuário do Sado deve ser um dos principais locais de invernada.

**Tendência Populacional:**

Não existe informação disponível que permita de um modo sustentado, interpretar a tendência populacional da população invernante da espécie no nosso país. Contudo, no norte da Europa a sua abundância pode variar significativamente de uns anos para os outros (Mikkola 1983). O mesmo poderá ocorrer no nosso território, como reflexo dessas oscilações (Cramp 1998).

**Abundância:**

Em Portugal é considerada como rara ou pouco comum (Tomé *et al.* 1994), sendo escassa a informação sobre o seu efectivo populacional, admitindo-se que esteja entre os 50 ó 250 indivíduos (Almeida *et al.* in Cabral *et al.* 2005).

**Requisitos ecológicos:**

**Habitat:** No Inverno procura zonas baixas junto à costa, por vezes em pequenos grupos e, em áreas abertas tais como, terrenos agrícolas, restolhos, pântanos, em salgueiros, arbustos e plantações (Cramp 1985, Lindberg 1994). Os dormitórios normalmente proporcionam uma boa protecção, em moitas, pilhas de ramos e pilriteiros; em áreas pantanosas. Algumas áreas de invernada são utilizadas ano após ano (Cramp 1985). No Baixo Alentejo, foi observada por Tomé *et al.* (1994), em zonas de sapal e salinas adjacentes ao estuário do Rio Sado, local que se deverá revestir de grande importância para esta espécie e onde poderão invernar algumas dezenas de indivíduos. Foi ainda detectada em zonas abertas, tanto isoladamente como em grupo. Caça em lezírias, sendo também importantes, as salinas, os arrozais e a vegetação ripícola (Elias *et al.* 1998).

**Alimentação:** Alimenta-se de pequenos mamíferos (principalmente roedores), pequenas aves e insectos que captura geralmente em terra.. Em muitas áreas alimenta-se sobretudo de pequenos roedores (*Microtinae*), raramente insectos, lagartos, rãs, minhocas ou caracóis. Caça ao longo do dia e da noite, durante todo o ano, mas não existe um padrão definido, especialmente no Inverno. Após a captura da presa, usualmente voa para outro local para comê-la. Ocasionalmente utiliza postos de observação de tamanho reduzido, tais como, estacas de suporte de vedações, arbustos, etc., em zonas abertas, para detectar as presas, (Cramp 1985).

**Reprodução:** não se reproduz em Portugal.

**Ameaças:**

A **intensificação da agricultura**, através de monoculturas cerealíferas em detrimento de outros usos como leguminosas e pousios, resulta na redução do mosaico agrícola com decréscimo da diversidade de habitat, contribuindo para a diminuição de zonas de refúgio das espécies que ocupam este tipo de habitat, e influenciando a abundância, distribuição e vulnerabilidade das populações presas.

A **alteração, decréscimo ou abandono das actividades tradicionais nas zonas húmidas** nomeadamente a salinicultura e orizicultura.

A **limpeza da vegetação ribeirinha** de valas e cursos de água, leva à destruição do habitat de descanso e de alimentação desta espécie.

A **expansão urbanística e turística** afecta as zonas habituais de descanso e de alimentação desta espécie, quer pela ocupação do solo, com a consequente destruição ou alteração do habitat, quer por um aumento significativo de perturbação que esses empreendimentos induzem em toda a área envolvente das zonas húmidas;

O **abate ilegal** constitui um factor de mortalidade desta espécie.

fauna, *aves*

O uso de **iscos envenenados** para eliminar espécies prejudiciais à agricultura, nomeadamente às sementeiras, como é o caso dos roedores, pode conduzir à morte da Coruja-do-nabal, visto a sua dieta alimentar ser essencialmente constituída por estas espécies.

A **colisão ou electrocussão com linhas aéreas de transporte de energia**, são factores assinalados para Espanha (Fajardo & Babiloni 1996) e que deverão ser certamente nocivos esta espécie em Portugal.

A **colisão com viaturas** que ocorre nas estradas, continua a levar à morte de aves, tendo para isso contribuído o aumento do volume e velocidade do tráfego automóvel. Numa paisagem agrícola, a pouca ou nenhuma gestão das bermas das estradas, permite a colonização de vegetação silvestre, desenvolvendo-se habitats de orla pouco perturbados, propícios para os micro mamíferos e outras espécies de presas essenciais para a Coruja-do-nabal (Lindberg 1994) elevando assim a probabilidade de colisão com viaturas.

O aumento da **utilização de agro-químicos**, provoca uma diminuição das populações presa e uma redução da eficácia reprodutiva, nomeadamente devido a uma diminuição da espessura da casca do ovo.

**Objectivos de Conservação:**

Conservar as áreas de dormida refúgio e alimentação.

**Orientações de Gestão:**

- Manter extensas áreas contíguas de pastagens, pântanos, pousios e prados húmidos;
- Manter as salinas em actividade e efectuar gestão adequada das salinas abandonadas, nomeadamente através de medidas específicas de incentivo, nas áreas mais importantes para a conservação da espécie;
- Incrementar a sustentabilidade económica das salinas, nomeadamente através da certificação de produtos;
- Condicionar a limpeza da vegetação em margens de canais de drenagem e irrigação e fiscalizar o cumprimento da lei no que se refere à conservação da vegetação ribeirinha de linhas de água e à conservação do seu perfil natural;
- Condicionar expansão urbano-turística nas áreas mais importantes de invernada da espécie;
- Fiscalizar as actividades cinegéticas;
- Implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat favorável para esta espécie em ACØ (Áreas de Caça);
- Proibir a instalação de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie;
- Equipar as linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, e que se revelem mortíferas para a espécie, com sinalizadores anti-colisão;
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Prevenir a mortalidade por colisão nas estradas através da implementação de medidas minimizadoras;
- Dinamizar campanhas de sensibilização ambiental, sobre a fauna e em especial sobre a conservação das aves de rapina, dirigidas tanto a caçadores, guardas e gestores de caça, como a exploradores e produtores agrícolas e florestais e ao público em geral, afim de minimizar ou erradicar o abate ilegal;
- Sensibilizar os agricultores, em particular, para a adopção de boas práticas agrícolas, nomeadamente no que se refere ao controle de roedores. este deve estar sujeito a autorização e ao acompanhamento permanente por parte das entidades competentes, deve implicar a obrigatoriedade da utilização de tóxicos cuja nocividade tenha uma persistência a mais curta possível e a remoção imediata de cadáveres. Adicionalmente, a venda de qualquer tóxico, dos

fauna, *aves*

pesticidas em particular, deve passar a ser acompanhada pelo registo do nome e morada do comprador e deverá ser desenvolvida e divulgada a investigação sobre métodos alternativos de controlo ou de protecção das culturas agrícolas e florestais.

- Restringir o uso de pesticidas, nomeadamente por utilização de substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto;
- Monitorizar os parâmetros populacionais (avaliação das tendências na distribuição e tamanho da população);

#### **Outra informação relevante:**

Devido aos seus hábitos crepusculares, à sua escassez, e à reduzida actividade vocal durante o Inverno, é uma espécie difícil de detectar (Elias *et al.* 1998).

#### **Bibliografia:**

Almeida J (coord.), Catry P, Encarnação V, Franco C, Granadeiro JP, Lopes R, Moreira F, Oliveira P, Onofre N, Pacheco C, Pinto M, Pitta Groz MJ, Ramos J & Silva I (2005). *Oenanthe leucura Chasco-preto*. In: Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.). Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series n° 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series n° 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S (ed.) (1985). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Terns to Woodpeckers)*, Vol. IV. Oxford University Press, Oxford.

Elias GL, Reino LM, Silva T, Tomé T & Geraldés P (coords.) (1998). *Atlas das Aves Invernantes do Baixo Alentejo*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Fajardo I & Babiloni G (1996). Estado de conservación de las rapaces nocturnas (O. Estrigiformes) en el Mediterráneo Occidental. In: *Biología y conservación de las rapaces mediterráneas*. Pp. 145-156. Muntaner J & Mayol J (eds.), Monografía N° 4, Sociedad Española de Ornitología, Madrid.

Lindberg P (1994). *Short-eared Owl Asio flammeus*. In: *Birds in Europe: their conservation status*. Pp.332-333. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

fauna, *aves*

Mikkola H (1983). *Owls of Europe*. T & AD Poyser, London.

Tomé RP, Catry P & Costa H (1994). *A invernada da Curuja-do-nabal* *Asio flammeus* nos distritos de Lisboa e Setúbal. Actas da 1ª Conferência Nacional sobre Aves de Rapina. Pp.92:105. Vila Nova de Gaia.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .